

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Sherin Kirsch Sant Anna

O TERMO “PILA”: quando e como surgiu? Uma investigação em fontes diversas.

PORTO ALEGRE
2022

SHERIN KIRSCH SANTANNA

O TERMO “PILA”: quando e como surgiu? Uma investigação em fontes diversas.

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Neto de Oliveira Monaretto.

PORTO ALEGRE
2022

SHERIN KIRSCH SANTANNA

O TERMO “PILA”: quando e como surgiu? Uma investigação em fontes diversas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 14 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr^a. Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Leandro Zanetti Lara (UFRGS)

Prof. Dr^a. Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

Para meus pais
que são a minha base.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de começar pelos meus pais, Zé Carlos aquele que me ensinou a ser perseverante e jamais desistir e que também me ensinou a ser sua parceira de assistir jogos de futebol. Silvia, minha mãezona que sempre apoiou minhas decisões e sempre me incentivou a sonhar cada vez mais alto. Obrigada pelo apoio de vocês.

Minha melhor amiga de infância, Jéssica, tua amizade é a calma no meio da tempestade. Nossas conversas, mesmo que não muito frequentes, sempre rendem boas fofocas e risadas

Adriana, a amiga que eu nunca sonhei encontrar, minha parceira de cinema e de conversas aleatórias. Desculpa pelos vácuos, mas se você estiver lendo isso significa que eu terminei o TCC.

Juliane, Gabriela, Barbara, Luan e Nicole meu CANOÃO! Os perrengues passados no cursinho e a amizade que construímos jamais serão esquecidos.

Minha Partner, Adriane, obrigada por falar comigo na minha primeira semana de aula e também por ser minha parceira em 99% do curso.

Aidana, meu ranço cultivado durante as aulas de Latim, e a melhor cia de D43 (*in memoriam*) e a dona das melhores playlists.

Fabi, tu me ensinou que às vezes é melhor respirar fundo e manter a calma. Espero um dia chegar ao teu nível de paz interior.

Thiago, tu fez a minha graduação ter emoção e adrenalina ainda não sei se devo te agradecer por isso. Obrigada pelos trabalhos feitos na força do ódio e pelos papos pelo meet durante a pandemia.

Agradeço à minha orientadora Professora Valéria Monaretto, pela parceria nos anos de bolsa de iniciação científica e que, com sua experiência e sabedoria, orientou-me durante todo o processo de pesquisa e conclusão deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer a professora Rozane Rebechi e a professora Márcia Moura pelas orientações nas aulas de tradução e pela paciência nos meses de estágio.

Claudio, meu paraninfo trevoso. Gabriel e Jéssica vocês são incríveis, a melhor dupla da comissão de formatura que poderíamos ter. Sem vocês não teríamos nem chegado a prova de togas quem dirá a cerimônia. Obrigada pela dedicação e paciência.

Agradeço também aos professores que marcaram minha trajetória acadêmica, Leandro, Maria José, Magali, Ian e Valdir vocês com certeza são inspirações dentro e fora da sala de aula.

RESUMO

Este estudo trata de observar, por meio de dados obtidos em fontes escritas primárias de português brasileiro da primeira metade do século XX, em dicionários de época e em documentos e registros variados, a história e a origem do emprego da expressão “pila”, reconhecida como um termo típico gaúcho. Nessa variedade, este termo refere-se a dinheiro, como aparece em certas construções, como, por exemplo, “Isso custa dois pila” ou “Me dá cinco pila”. Essa palavra tem significados diferentes nas variedades linguísticas do português, conforme atestam alguns dicionários: pênis infantil (AURÉLIO, 2010); bola de jogar, almofariz, pilão, pilar, coluna, suporte (ALMEIDA, 2012); sujeira do nariz (GURGEL, 1998); pênis, indivíduo ocioso ou inútil (HOUAISS, 2009). Segundo o Dicionário Porto-Alegre (FISCHER, 1999, p. 211), o termo pila é uma unidade de moeda em Porto Alegre, cuja origem, ou a fixação do uso do termo no sentido de dinheiro, teria algo a ver com Raul Pilla (janeiro de 1892- junho de 1973), político sul-rio-grandense, ardoroso defensor do parlamentarismo. Como é uma expressão que surgiu no passado, perguntamos o que atestaria sua origem e sua motivação de uso, que persiste até os dias de hoje? Essa palavra é de uso exclusivo da variedade sul-rio-grandense? Para responder a essas perguntas, propomos investigar e procurar evidências para uma interpretação linguística do surgimento desse vocábulo, em fontes diretas, como manuscritos, registros originais e primários, entre outros documentos. Segundo Basilio (2007, p. 72), há três funções na formação de palavras: mudança categorial (por exigência do sistema linguístico); expressiva de avaliação (por influência do sujeito-falante); rotulação (relacionada com o aspecto semântico). A palavra “pila” surgiu pela função expressiva de avaliação? Em que momento passou a ser empregada na comunidade gaúcha? Os resultados preliminares parecem apontar para um desconhecimento dos usuários sobre possíveis motivações para o emprego dessa forma. A investigação proposta nesta pesquisa segue pressupostos metodológicos de investigação da Linguística Histórica (FARACO, 2005), que utiliza registros escritos em estágios passados da língua para o estudo da mudança linguística e para recuperar estruturas de línguas. A interpretação linguística de registros escritos no passado depende da evidência descritiva direta; nosso conhecimento acerca de tradições escritas e suas relações, e de estratégias complexas por inferências baseadas em considerações históricas (LASS, 2000, p. 46).

Palavras-chave: pila; história do português brasileiro gaúcho; linguística histórica; termo gaúcho.

ABSTRACT

This study aims to observe, through data obtained from primary written sources of Brazilian Portuguese from the first half of the 20th century, in period dictionaries and in various documents and records, the history and origin of the use of the expression “pila”, recognized as a typical gaucho term. In this variety, this term refers to money, as it appears in certain constructions, for example, "That costs two pila" or "Give me five pila." This word has different meanings in the linguistic varieties of Brazilian Portuguese, as some dictionaries attest: child penis (AURÉLIO, 2010); playing ball, mortar, pestle, pillar, column, support (ALMEIDA, 2012); nose dirt (GURGEL, 1998); penis, idle or useless individual (HOUAISS, 2009). According to the *Dicionário Porto-Alegrês* (FISCHER, 1999, p. 211), the term pila is a unit of currency in Porto Alegre, which origin, or the fixation of the use of the term in the sense of money, would have something to do with Raul Pilla (January 1892-June 1973), a politician from Rio Grande do Sul, ardent defender of parliamentarism. As it is an expression that appeared in the past, we ask what would attest to its origin and its use of motivation, which persists to this day? Is this word for the exclusive use of the south-rio-grandense variety? To answer these questions, I propose to investigate and look for evidence for a linguistic interpretation of the emergence of this word, in direct sources, such as manuscripts, original and primary records, among other documents. According to Basilio (2007, p. 72), there are three functions in the formation of words: categorical change (as required by the linguistic system); expressive evaluation (influenced by the subject-speaker); labeling (related to the semantic aspect). Did the word “pila” arise from the expressive function of evaluation? When did you start being employed in the gaucho community? Preliminary results seem to point to users' lack of knowledge about possible motivations for using this form. The investigation proposed in this research follows methodological assumptions of investigation of Historical Linguistics (FARACO, 2005), which uses written records in past stages of the language to study linguistic change and to recover language structures. The linguistic interpretation of records written in the past depends on direct descriptive evidence; our knowledge of written traditions and their relationships, and of complex strategies by inference based on historical considerations (LASS, 2000, p. 46).

Keywords: pila; history of gaucho Brazilian Portuguese; Historical Linguistics; gaucho terms

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1- Ilustração das distinções teóricas entre os campos da Filologia e da Linguística Histórica. Fonte: Mattos e Silva (2010, p.10).....	13
Figura 2 - Fonte: imagem tirada do vídeo "Exposição Numismática "Vale um pila" no Museu Júlio de Castilhos 2014", veiculado no YouTube.	22
Figura 3- Fonte: cédula digitalizada no blog do Centro de Memória e Informação – CEMIP, doada para a exposição no Museu Júlio de Castilhos pelo colecionador Roberto Prym, diretor do museu na época	23
Figura 4- Fonte Restaurante Bah	23
Figura 5- Corpus do Português. Fonte: De autoria própria	33
Figura 6- Corpora Linguateca. Fonte: De autoria própria.	34
Figura 7- Corpus CINTIL Fonte: De autoria própria.	35

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1 Fonte: CPDOC FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil Fundação Getúlio Vargas.....	30
Tabela 2 Lista completa dos dicionários e definições encontradas.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEORICO	13
3 PRIMEIRAS INVESTIDAS DE INVESTIGAÇÃO DA OCORRÊNCIA DA EXPRESSÃO “PILA”: evidencias sobre origem e utilização do termo em fontes de observação direta	21
4 CONTEXTO HISTÓRICO	25
4.1 QUEM FOI RAUL PILLA?	25
4.2 CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL NA ÉPOCA DE RAUL PILLA	27
5 CONTINUANDO O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO: a observação direta	31
6 SÍNTESE DE RESULTADOS DE “BUSCAS” EM FONTES DIVERSAS.....	39
7 CONCLUSÃO.....	41
8 REFERENCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, objetiva-se recuperar as origens do termo "pila", buscando traçar, hipoteticamente, uma linha histórica que indique o momento em que o termo surgiu no vocabulário brasileiro, especialmente, na região dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, onde, até os dias atuais, é comumente usado em contextos informais. Também objetiva-se averiguar a hipótese de que o termo tenha surgido em referência ao político gaúcho *Raul Pilla* (1892-1975) e à criação de um bônus para arrecadar dinheiro para auxiliá-lo em sua causa, por ocasião de seu exílio no Uruguai. Sabe-se que é uma prática histórica a criação de bônus, que pode ser atestada na época do governo de Leonel Brizola, em 1959, com as "brizoletas", Letras do Estado para equilibrar as finanças do Rio Grande do Sul. A origem de "pila" seria essa?

O termo "pila" é entendido como a alcunha da moeda vigente no país, com equivalência paritária 1:1. Assim, "um pila", quer dizer atualmente um real. Essa expressão também foi usada em outras épocas, referindo-se a outras moedas brasileiras como Réis, Cruzeiro Novo, Cruzeiro Real, Cruzado, etc.

No presente estudo, busca-se analisar se o processo de surgimento deste termo ocorreu através de uma das três vias apontadas por Basilio (2010): como um neologismo semântico, através do qual se pressupõe que o vocábulo já existia, mas a ele é atribuído um novo significado; como uma forma lexical, em que um novo vocábulo é criado; por expressiva de avaliação (por influência do sujeito-falante) e rotulação (relacionada com o aspecto semântico).

Sabe-se que as notas e moedas de dinheiro receberam, de acordo com cada lugar e época, inúmeras alcunhas e gírias como pau/paus, mango/mangos, barão (geralmente no singular, mesmo quando se refere a mais de uma unidade, como, por exemplo: cinco barão); onça, "milão" em vez de mil ou milhão, grana, bufunfa, dindim, etc.

De acordo com uma matéria publicada no *site* do Banco Pan¹, o apelido "barão" originou-se com o Barão do Rio Branco, que estampou a nota de 5 cruzeiros, com um alto valor quando foi lançada. Mais tarde, em 1977, ele voltou a estampar uma nova cédula, desta vez a de 1.000 cruzeiros. Nas décadas de 1950 e 1970, as pessoas se acostumaram a olhar para o rosto do Barão do Rio Branco, estampado nas notas, e fazer uma brincadeira, associando-se com o "barão". Ainda de acordo com a matéria desse *site*, o "real" (que não é a mesma moeda atualmente vigente, apesar da coincidência de nomes) foi a moeda oficial de Portugal durante mais de 400 anos, sendo também a moeda oficial do Brasil durante o Império. Naquela época, o plural de "real" era "réis". Então, as pessoas falavam "dois réis". Se alguém tivesse 1.000 réis, então ela tinha 1 "mi-réis", e se uma pessoa juntasse 1 milhão de réis, então tinha 1 "conto de

¹Disponível em: <<https://www.bancopan.com.br/blog/publicacoes/conto-barao-pila-grana-por-que-o-dinheiro-tem-esses-apelidos.htm>> Acesso em: 19 de out. de 2022

réis”. Ou seja, eles usavam o “conto” como um sinônimo de “milhão”. Portanto, “conto” estava associado a bastante dinheiro. “Pila”, diferentemente de “conto” e “barão”, é usado até hoje para se referir a valores menores e irrisórios.

Por se tratar de um termo cujo uso parece se dar em contextos informais, e, na maioria dos casos, orais, os registros em meios impressos não são muito frequentes, uma vez que os meios de comunicação costumam privilegiar a linguagem formal.

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. (ALVES, 1994: 84)

Por se tratar de uma designação informal da unidade monetária, segundo o dicionário Priberam², o termo “pila” pode ser entendido como um fenômeno de linguagem especial por ser utilizado como uma palavra não convencional. Neste caso, um nome próprio designa outra nova palavra da língua. Pode ter sido originalmente empregado no intuito de fazer segredo, humor ou mesmo distinguir um grupo de falantes da língua, criando um jargão próprio. Assim, por se tratar de uma expressão idiomática, não permite, por si só, a identificação do seu significado através de seu sentido literal.

Dicionários de épocas distintas apontam que a palavra *pila* poderia ter sido usada na Itália. No dicionário *A gíria brasileira* (1953, p.139), registra-se que “na gíria dos gatunos italianos significa “dinheiro””, e, no *II gergo della malavita in Calabria* (1996, p.77), consta que o termo *pila* pertence aos jargões de todo o Sul e, pelo menos, na Calábria, começa a ser de uso comum. Atualmente na Itália, *pila* é falado mais como “pilha”, sugerindo que o uso referente a dinheiro seja mais antigo.

Uma particularidade citada anteriormente sobre o termo “pila”, ou “pilas” ou, até mesmo, “pilhadas”, confere à palavra um sentido único, uma vez que ele sempre assume o sentido de “moeda vigente no Brasil”, diferente do que ocorre com outras palavras como “dinheiro” ou “grana”, que referem-se a um “montante geral” (não se fala, por exemplo, que se tem seis dinheiros, ou duas granas) assumindo a função de “unidade monetária em vigência” independente da época em que foi proferida ou à época a qual se refere. Permitindo construções como “me empresta dois pilas” ou “custou só um pila”, onde “pila” corresponde perfeitamente a “reais”, “cruzeiros”, “cruzados”, etc. (dependendo do contexto), sem quaisquer outras alterações na frase.

A investigação proposta nesta pesquisa segue pressupostos metodológicos de investigação da Linguística Histórica (LASS, 2000; MATTOS e SILVA, 2010; FARACO, 2005),

² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pila>. Acesso em: 02 out. 2022

utilizando-se de registros escritos em estágios passados da língua, assim como de registros em estágios atuais, para o estudo da mudança linguística e para recuperar estruturas que possam ter entrado em desuso. Através de revisão bibliográfica e por fontes diversas, buscaram-se referências ao termo *pila*, bem como sua utilização em diferentes *corpora* do português brasileiro.

Essa pesquisa foi realizada em vários meses, por meio de buscas incessantes em arquivos públicos de Porto Alegre, como o Arquivo Público de Porto Alegre e o Arquivo Histórico Moysés Vellinho, por meio da leitura de jornais e documentos que pudessem mencionar ou dirigir alguma pista ou referência ao termo “pila” e a associação deste com um bônus, criado na década de 30, por ocasião do exílio de Raul Pilla. Foram feitas também consultas a dicionários diversos e buscas eletrônicas em *sites* de *corpora* em língua portuguesa sobre o registro de origem e uso da expressão “pila” referindo-se à dinheiro.

Espera-se, com essa pesquisa, contribuir para a história do português sul-rio-grandense e com as áreas de Linguística Histórica, Filologia, Etimologia, Sociolinguística Histórica e Terminologia Histórica, ciências que tratam da investigação de épocas pretéritas da língua e que usam, como objeto de análise em comum, fontes escritas no passado, dicionários de época e documentos e registros variados para a investigação de variação e mudança na língua.

Este trabalho divide-se em cinco partes, sendo na primeira traz-se uma breve referência às áreas teóricas que tratam de investigação em fontes de sincronias passadas e sobre variação e mudança linguística. Na segunda parte, descreve-se o caminho inicial percorrido para essa investigação, como a apresentação de algumas fontes e referências sobre o uso do termo “pila”, tais como registros em dicionários, depoimentos e registros em vídeo. Na terceira parte, apresentam-se alguns dados biográficos e históricos sobre Raul Pilla e a revolução de 1930. Na quarta parte descrevem-se os *corpora* a serem analisados e o processo de análise. Por fim, na quinta e última parte, discutem-se os resultados obtidos sobre a ocorrência do termo “pila” nos *corpora* selecionados com algumas considerações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

É sabido que a Linguística sempre teve a preocupação de estudar a natureza e evolução das línguas. Nos primeiros modelos linguísticos do século XX, a língua era concebida como homogênea e sua mudança, como natural e factual. Entretanto, a variação e a mudança sempre estiveram presentes nas línguas. O caráter heterogêneo das línguas não podia ser desprezado ou desconsiderado, cabendo à Linguística estudá-lo.

Questões sobre origem da linguagem e das línguas foi uma das razões pelas quais a linguística surgiu no século XIX. A vontade e a necessidade de se descobrir a história das línguas e sua evolução foi concretizada através da Linguística Histórica (doravante LH).

Faraco (2005) aponta que o que constitui o objeto de estudo da LH é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo.

Segundo Mattos e Silva (2010, p.10), a Filologia estaria, de certa forma, associada à Linguística Histórica em um sentido *lato sensu*, pois é a base dos dados para o trabalho histórico. A autora ilustra, em seu quadro a seguir, as distinções teóricas entre os campos da Filologia e da LH. Esta última divide-se em dois sentidos: *lato* e *strictu*, que é compreendido em uma Linguística Histórica sócio-histórica e uma linguística diacrônica associal.

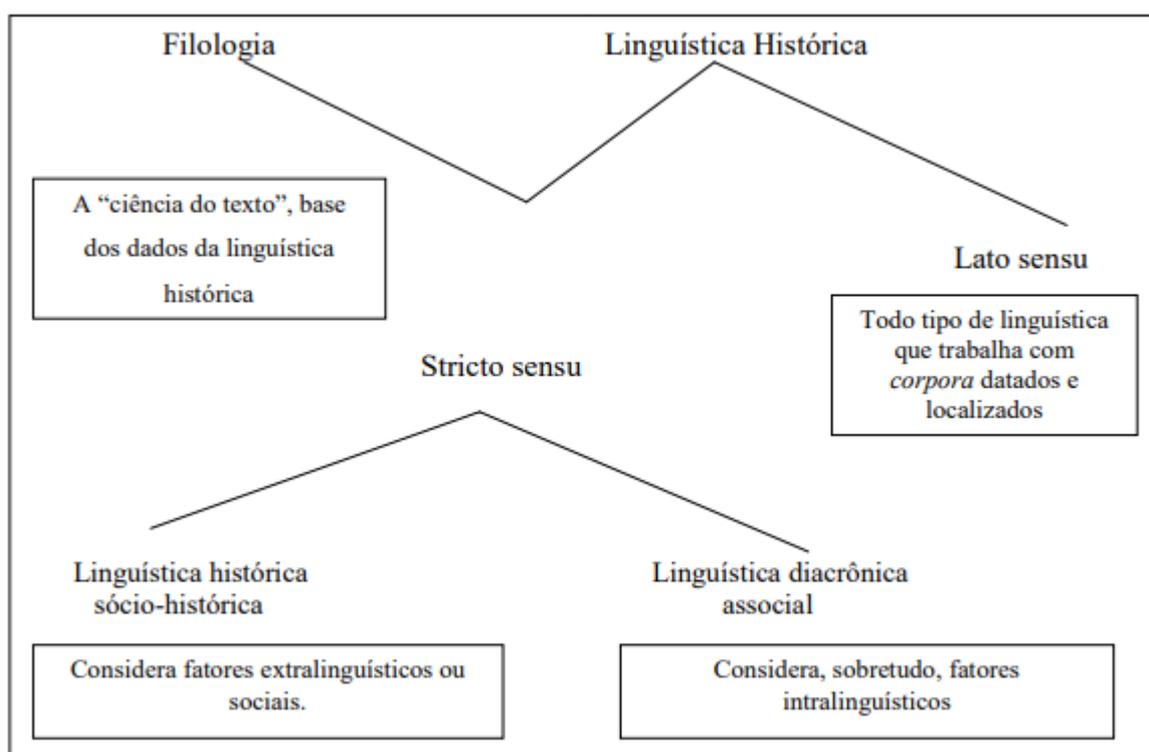


Figura 1- Ilustração das distinções teóricas entre os campos da Filologia e da Linguística Histórica. Fonte: Mattos e Silva (2010, p.10)

A autora preocupa-se em distinguir e, ao mesmo tempo aproximar, a Filologia, ciência dos textos e dos dados datados, da LH, que em seu sentido lato é todo o estudo feito através de *corpora* datados e localizados, explicando que a LH faz uso da Filologia. Ela afirma que, com a hegemonia dos estudos sincrônico-descritivos, os estudos histórico-diacrônicos passaram a um plano secundário. Estudar mudanças sem considerar fatores externos ou sócio-históricos, interessar-se somente pelos aspectos intralinguísticos (aqueles que são fatores próprios à *grammar* do falante) é fazer linguística diacrônica, não histórica em seu sentido *stricto*. Ao trabalharmos com o objetivo de descobrir ou desvelar a constituição histórica da língua portuguesa ao longo de seu tempo histórico, estamos fazendo linguística histórica e não diacrônica. (Id, p.12)

Para Mattos e Silva (2010), LH trata de interpretar as mudanças linguísticas, cuja análise pode ter um foco em fatores intralinguísticos (diacronia associada) e/ou em uma perspectiva sócio-histórica (sociolinguística). Como a Filologia abrange também a história da língua, com ênfase à edição de textos (ciência do texto), por meio de dados, essas duas áreas complementar-se-iam.

Outra área de estudo que compreende análise de fatores intralinguísticos e sociais em dados da língua é a Teoria da Variação (Weinreich, Labov e Herzog. 2006), que pressupõe a língua como heterogênea. Os falantes realizam escolhas entre um som ou outro, entre uma palavra e outra. A pergunta é por que são feitas essas escolhas, considerando não somente fatores linguísticos, mas também fatores sociais condicionantes. Segundo Faraco (2005), diante de situações que sugerem mudança em progresso no tempo presente, deve-se fazer pesquisas na dimensão do chamado tempo real, isto é, deve levantar dados de diferentes períodos da história da língua em busca de ratificação para sua hipótese de que surpreendeu, de fato, um processo de mudança em andamento. As observações em tempo aparente conectadas às observações em tempo real permitem que se verifique a mudança em progresso. A análise da mudança em tempo aparente é apenas um prognóstico, uma projeção que o pesquisador se arrisca a fazer, portanto, constitui-se como uma hipótese. A articulação entre presente e passado permite evidenciar estágios variáveis e mudanças que aconteceram (tempo real) e que estão em curso (tempo aparente).

Além de não comprometerem o mútuo entendimento, as palavras ou construções em variação são repletas de significado social, e conseguem comunicar a nossos interlocutores mais do que seu significado mais “evidente”. Diferentes maneiras empregadas para se falar ou escrever, podem dar pistas a quem nos ouve ou nos lê. Pistas a respeito do local de onde veio o falante; pistas a respeito do seu nível de inserção na cultura letrada; pistas a respeito da idade e dos grupos com os quais o falante, ou escritor, se identifica, entre outras.

Um dos pressupostos fundamentais para uma teoria da variação e mudança linguística, apresentada em Weinreich, Labov e Herzog (2006:35), é que muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade

ordenada. Com essa concepção de língua, os autores rompem com os pressupostos estruturalistas e dialetológicos de seus precedentes cuja visão de variação era a de esta ser aleatória e irregular, sustentada sob uma concepção de língua como sistema monolítico, estável e homogêneo. A inovação na teoria da variação e mudança reside em atribuir à variação um caráter sistemático e controlado. Nos termos dessa teoria, passa, então, a ser tarefa do linguista entender, descrever e explicar os padrões que governam a sistematicidade de uma língua natural e que se manifestam em qualquer nível linguístico.

Convém, contudo, deixar claro que nem toda variabilidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006). Via variação pode-se captar a direção e algumas generalizações acerca da mudança. De acordo com Faraco (2005), a mudança não se refere à troca direta e abrupta de um elemento por outro, mas envolve sempre uma fase de concorrência. Da variação entre duas formas para a codificação de uma mesma função/significação, uma pode se fixar na função tornando a outra obsoleta, embora nem sempre seja esse o caso. Para explicar a mudança, é preciso dizer o que aconteceu (fatos) e por quê (princípios).

A teoria da mudança, segundo Lass (1980), teria de incluir a variabilidade como um axioma, visto ser empírica a variabilidade. Pelo que supõe Lass (2000), o estudo da variação pode constituir-se em caminho para explicar o fenômeno da mudança linguística. A correspondência entre fala e escrita nem sempre é exata, o que torna a escolha de textos para análise uma tarefa difícil.

Labov (1972) alerta, contudo, que trabalhar com a escrita é “uma arte de fazer o melhor uso de dado ruim”. Isso significa que não podemos atribuir um correspondente na fala a tudo o que temos na escrita, e vice-versa.

Outra área afim com a história da língua, portanto, com a LH e a Filologia, é a Etimologia. Estudar etimologia requer conhecimentos de muitas línguas e etapas de línguas. O português, por exemplo, tem palavras de origem latina, grega, árabe, tupi, iorubá, entre outras. Portanto, ao estudar a etimologia, podemos desenvolver a nossa compreensão sobre o significado preciso das palavras, ampliar o nosso vocabulário e aperfeiçoar a ortografia.

É importante ter em conta que as línguas evoluem com o seu uso, o que faz com que as palavras sofram modificações e se adaptem de acordo com o momento histórico. Dessa forma, a etimologia analisa de que forma uma palavra se incorpora num idioma, qual é a sua fonte e como variam as suas formas e os seus significados ao longo do tempo.

Para recuperar a história de cada palavra ou as relações que uma palavra tem com a unidade lexical de que se origina, utilizamos estudos nessa área. Para VIARO (2011), nem sempre o sentido básico, presente como primeira acepção de uma palavra em dicionários, é o mais usual, pois o mais corriqueiro é o que sobreviverá. Quando se datam as primeiras ocorrências de uma palavra, pode-se conjecturar acerca de qual língua teria originado a palavra em questão. É preciso

lembrar de que uma palavra pode aparecer escrita somente séculos depois de ser empregada na fala, pois a escrita é bastante conservadora.

O processo de criação de novos vocábulos é conhecido como formação de palavras. Há quatro mecanismos que permitem o surgimento de um novo item lexical na língua. A formação de palavras por Derivação, que pode ser de diferentes tipos conforme o processo (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria); a formação por Composição de palavras (justaposição e aglutinação) e a importação estrangeira. O neologismo é um processo de formação de palavras em que são criados novos termos para suprir alguma lacuna de significação. Podemos citar como exemplo a palavra "internetês", que se refere à linguagem da *internet*.

A forma mais comum na criação de uma nova lexia é a partir de uma palavra já presente na língua, por processos de derivação prefixal (ex.: infeliz, antebraço, enraizar, refazer, etc.) ou sufixal (ex.: felicidade, beleza, estudante, etc.). A derivação parassintética acontece quando há a colocação de um prefixo e de um sufixo ao mesmo tempo numa palavra. A derivação regressiva baseia-se na eliminação de componentes finais existentes na palavra ou pelo processo deverbal, presente em verbos, como em “canta” (de cantar), por exemplo. O processo de composição de palavras pode ser feito por justaposição ou por aglutinação.

Já a derivação imprópria surge na troca de classe gramatical de um léxico, mantendo a sua estrutura, uma vez que não há a colocação de afixos: “O jantar estava muito bom”; “O que você deseja jantar hoje?” No primeiro exemplo, observamos que a palavra “jantar” toma um sentido de substantivo; no segundo, de verbo. O empréstimo linguístico é o uso de uma palavra de uma língua em outra, recebendo o nome de estrangeirismo ou peregrinismo (CARVALHO, 1984, p. 56). O uso de um estrangeirismo normalmente vem acompanhado de um descobrimento novo, como ocorre com certos objetos.

A língua receptora acolherá ou fará uma adaptação para um melhor entendimento dos seus usuários. Esse intercâmbio de palavras pode gerar empréstimo cultural pela relação social, política, comercial, dialetal, pelo relacionamento dos usuários de uma mesma língua, pelo uso de falares regionais ou de gírias locais, ou quando há o uso de duas línguas num mesmo espaço. A palavra é percebida como estranha e somente deixará de ser a partir do momento em que entrar na língua receptora.

A formação de uma palavra “a partir do nada” é chamada de *ex nihilo*, como proposto por Carvalho (1984, p. 22), que, em suas pesquisas, encontrou “tcham” e “escambau”, palavras de origem incerta e gíriática. E, quando uma mesma palavra recebe outro significado, que não é o seu original, acontece o neologismo semântico. A expressão “uma moça colocou um grampo no seu chapéu para fixá-lo melhor” dá a ideia de que grampo é um alfinete; no entanto, em “houve um grampo no telefone do político”, a palavra grampo terá a conotação de escuta.

É possível que o termo *pila* seja um empréstimo linguístico vindo do Sul da Itália, pois dicionários de épocas distintas apontam que a palavra *pila* poderia ter sido usada na Itália. Na gíria dos gatunos italianos, significa "dinheiro" (A gíria brasileira, 1953, p.139). De acordo com o *Ilggero della malavita in Calabria* (1996, p.77), o termo *pila* pertence aos jargões de todo o Sul e, pelo menos, na Calábria, começa a ser de uso comum.

Com o intuito de resgatar as origens da palavra *pila*, usada em contextos cujo significado seja “quantia de dinheiro em moeda corrente brasileira”, foram analisados alguns documentos e fontes como base de pesquisa deste trabalho, tendo como pressupostos os conceitos apresentados por Alves (1994) e Basilio (2007), sobre a formação de palavras, como a criação de neologismos e a função desses.

Muitos neologismos são criados na língua portuguesa sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual. A neologia semântica revela-se de diferentes maneiras. O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais.

(ALVES, 1994 p.64)

A generalização de sentidos é característica da figura de retórica denominada sinédoque. Faz parte da criação lexical. Assim, “Aurélio”, por exemplo, nome de um autor de dicionário, passa a denominar o objeto dicionário e não mais o autor da obra. De acordo com Basilio (2007, p. 72), há três funções na formação de palavras: mudança categorial (por exigência do sistema linguístico); expressiva de avaliação (por influência do sujeito-falante); rotulação (relacionada com o aspecto semântico). De qualquer maneira, sempre que há mudança de classe o produto da derivação é uma palavra de classe diferente da classe da palavra base, o que pressupõe diferenças tanto gramaticais quanto semânticas.

Segundo Basilio (2011, p.23) há dois motivos principais para a mudança de classe, que decorrem da dupla função do léxico de designar entidades e fornecer elementos básicos para a construção de enunciados. Um deles é a necessidade de usar palavras de uma classe em estruturas gramaticais que exigem palavras de outra (corresponde a necessidades morfológicas e sintáticas); o segundo é a necessidade de aproveitar conceitos ocorrentes em palavras de uma classe em palavras de outra classe (a motivação semântica corresponde a novas necessidades de denotação).

Ainda de acordo com a autora, o que mais encontramos são situações em que um fator predomina sobre o outro, ou mudanças que podem ser encaradas tanto do ponto de vista gramatical quanto do ponto de vista semântico. Conforme Basílio (op. cit.),

Se realmente quisermos qualificar uma ação verbal, teremos que usar um adjetivo. E, como não podemos usar um adjetivo para modificar o verbo, porque a gramática não permite isto, temos então que formar um substantivo a partir do verbo, como abaixo:

(7) O presidente declarou (inacreditável) que não fora informado da crise de energia. (8) A inacreditável declaração do presidente de que não fora informado da crise de energia.

Nesse caso, é impossível dizer se se trata de motivação semântica ou gramatical, já que ambos os aspectos estão necessariamente envolvidos. A necessidade de adjetivação obedece basicamente a uma motivação expressiva, mas inclui um aspecto semântico, evidenciado na escolha do adjetivo; a impossibilidade de adjetivação direta da forma verbal é um fato sintático; temos, portanto, a utilização de uma forma nominalizada pela conjunção de um fator semântico com um fator sintático, sob a interferência de um fator expressivo. (BASILIO, 2011.p 24-25)

Difícil é a tarefa de conjecturar a respeito da origem de uma palavra de especificidade local, como parece ser a expressão “pila”, utilizada por gaúchos. Ela não é formada pelos processos de derivação e de composição. Duas hipóteses podem ser aventadas: trata-se de um empréstimo, com um sentido antigo ou já modificado, ou de um neologismo? Tentaremos verificar essas ideias por meio da investigação em registros escritos.

O estudo do registro escrito pela LH e Filologia procura levantar indícios imediatos de uma sincronia de um passado longínquo, composto de ocorrências gráficas que devem ser interpretadas e filtradas. A escrita, configura-se como um meio de busca de evidências diretas de um passado que deve ser, muitas vezes, presumido.

Para Lass (2000, p.46), há a disponibilidade de três fontes de informação para o estudo de interpretação gráfica de comportamento variável da escrita de fontes indiretas, sendo estas as seguintes, conforme resumido por NASI (2016):

1. **Evidência descritiva direta** – é a consulta de evidências metalinguísticas e literárias acerca da língua (dicionários, glossários e gramáticas, além de textos literários). Gramáticas de uma determinada época podem fornecer conhecimento de normas ou orientações que constituem o padrão de escrita daquele tempo, assim como os acordos ortográficos.

2. **Nosso conhecimento acerca de tradições escritas particulares e suas relações** - é a verificação de representações precisas de sistemas de línguas conforme sua constituição histórica.

3. **Estratégias complexas de inferência baseadas em vários tipos de considerações históricas** – é a verificação da existência de registros de dialetos, descrições do estado de língua em atlas linguísticos, textos literários, cartas e outros.

Por fim, esse trabalho faz uso parcial de preceitos da área de Terminologia. De acordo com Krieger e Finatto (2004), a terminologia dispõe de três unidades básicas a serem estudadas: o

termo, a definição e a fraseologia. A unidade terminológica, ou termo, pode ser entendido como uma unidade lexical inserida dentro de uma área de especialidades. A definição em geral é concebida pelo que vem antes do termo. Primeiramente é definido um conceito, objeto ou processo, e posteriormente este é nomeado. Já a fraseologia é apresentada como uma estrutura linguística que já contém sua própria carga semântica através do uso, independente dos significados isolados dos elementos, como por exemplo as expressões idiomáticas, os provérbios e os ditados populares.

Quando observamos o mundo a partir de esquemas culturais de representação mental em que fatores como posição e meio social, profissão, idade, sexo do locutor/interlocutor interferem na escolha do falante e, conseqüentemente, influenciam na variação linguística. Soma-se a isso a influência de elementos externos, discutida por Saussure (1994), em que a história de uma língua, uma raça ou civilização e as relações da língua com as diversas instituições podem modificar os elementos internos da língua, assim como os fatores externos. Desse modo, o desenvolvimento científico caracteriza-se como um elemento externo da língua. A diferenciação entre subgrupos sociais faz com que a linguagem seja um sistema complexo e heterogêneo de subsistemas inter-relacionados que podem ser descritos em diferentes níveis como, por exemplo, o morfológico, o sintático, o lexical etc.

O nível lexical é uma forma de registrar e transmitir o conhecimento criado e acumulado através dos tempos, e é marcado pela conceitualização da realidade, que se cristaliza a partir de um símbolo verbal, ou seja, uma representação linguística, caracterizando, dessa forma, o processo cognitivo de formação do léxico. São ações sucessivas de cognição da realidade e ordenação dos dados sensoriais da experiência, materializadas em signos linguísticos. O sistema linguístico apresenta variações em relação às características das situações comunicativas que requerem uma adequação discursiva, determinadas pela especialização dos elementos constituintes do processo de comunicação.

A humanidade desenvolveu a ciência e as técnicas gradativamente, num movimento que exigiu a ampliação do repertório linguístico, responsável por documentar as criações e os novos conceitos. Essa linguagem especializada é frequentemente chamada de jargão, denominação em que subjazem aspectos pejorativos do vocabulário especializado e que gera alguns desencontros com a área da Terminologia – disciplina linguística consagrada ao estudo científico dos conceitos e dos termos empregados nas línguas de especialidade (Pavel & Nolet, 2002). Como ciência da linguagem, a Terminologia se dedica à observação e estudo do léxico e das relações de significações dos signos terminológicos. Almeida (2003) destaca que a função do sistema lexical de uma língua natural é nomear o mundo; isso inclui as ciências e as tecnologias, portanto, não é possível expressar o mundo de forma completa, sem terminologias.

As mudanças políticas e socioeconômicas acabaram repercutindo no nível vocabular, pois a cada atividade, produto, lei etc. surgiam termos equivalentes, levando a uma ampliação do universo lexical e dos conjuntos terminológicos. Sob este prisma, podemos considerar a palavra “pila” como um termo técnico de unidade monetária presente no vocabulário brasileiro, ainda que seu uso seja regional.

Seguindo a orientação de Lass (2000) de como interpretar o registro escrito no passado, examinaremos a seguir ocorrências da palavra “pila” em fontes diversas.

3 PRIMEIRAS INVESTIDAS DE INVESTIGAÇÃO DA OCORRÊNCIA DA EXPRESSÃO “PILA”: evidências sobre origem e utilização do termo em fontes de observação direta.

Inicialmente foram consultados artigos na *internet* a fim de elucidar a origem do termo e à medida que a pesquisa progredia, o nome do político Raul Pilla aparecia mais frequentemente. Simultaneamente foi realizada a pesquisa em dicionários e livros relacionados à história política do Rio Grande do Sul e diversas vezes nos deparamos com o **termo *pila* referente à quantia de um mil réis** (Dicionário contemporâneo da língua portuguesa, 1964; Grande dicionário da língua portuguesa segundo o acordo ortográfico Luso- Brasileiro, 1945; Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul, 1997) ou simplesmente referente à dinheiro/moeda (Novo dicionário Brasileiro melhoramentos, 1969; Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa, 1957; O grande dicionário Houaiss de língua portuguesa, 2009; Dicionário dos marginais, 1984; Dicionário de gíria modismo linguístico o equipamento falado do brasileiro, 1998; Dicionário Aurélio da língua portuguesa publicado, 2010).

A hipótese de que o termo teve origem política surgiu quando foram encontrados dois registros sobre essa palavra. O primeiro ocorreu em *O Dicionário de Porto-Alegres* de autoria de Luís Augusto Fischer, publicado em 1999. Segundo esse dicionário, a palavra estaria relacionada com Raul Pilla (jornalista, professor; médico e político) nascido em Porto Alegre - RS, no ano de 1892, e também com o político Flores da Cunha, nascido em Santana do Livramento - RS, em cinco de março de 1880 - e seu período como governador do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo, como mostra o trecho abaixo:

“Unidade de moeda em Porto Alegre; quando a inflação tornava o milhar algo banal, este passa a ser um pila. A origem ou a fixação do uso do termo neste sentido teria algo a ver com Raul Pilla, emérito político rio-grandense, ardoroso defensor do parlamentarismo, mas não por isso, é claro. Invariável: é um pila, dois pila ou mil pila. O pesquisador e historiador Sérgio da Costa Franco, perguntado por mim, disse ter a impressão que a expressão já se usava na sua infância, antes da Revolução de 1930 ou logo depois dela, o que faz sentido porque há de fato o uso de pila como dinheiro em Portugal- talvez tenha alguma associação com, pode crer, um membro viril, que se chama de pila em gíria portuguesa, por relação com o ato de pilar, debater o pilão. Há porém algumas informações (quem me relatou essa foi o Décio Freitas) de que a origem local do termo teria a ver com a altura do governo de Flores da Cunha, durante o Estado Novo: Parece que, pelo fato de Getúlio não ir com a cara do Flores, o governo federal teria estrangulado financeiramente o Rio Grande do Sul; Vai daí, o Raul Pilla, secretário da Fazenda ou algo assim, teria emitido um bônus do tesouro do estado para afinal fazer circular a economia local, ainda que com moeda artificiosa. Daí que o tal bônus teria ficado conhecido como ‘pila’. Se não é a origem pode bem ter sido esse um grande reforço do uso entre nós. (...)” (FISCHER, 1999 p. 211)

A segunda ocorrência, para a sustentação da hipótese de relação com Raul Pilla, ocorre no livro *História do Rio Grande do Sul para Jovens* de Roberto Fonseca (2006). Esse autor simula

um diálogo explicativo desse termo, também o relacionando com o político Raul Pilla. No livro, um dos personagens conta o contexto histórico de 1932, e ao final do capítulo sobre o período menciona Raul Pilla:

“(…)-Me diga uma coisa, seu Roque - interrompeu Pedro Paulo - a gente chama o dinheiro de pila. Isso tem alguma coisa a ver com esse Raul Pilla?

-Bem lembrado, moço! Pois o que aconteceu foi que Raul Pilla fugiu para o Uruguai com uma mão na frente e outra atrás. Então os amigos dele começaram a vender uma espécie de bônus no valor de um mil-réis, para ajudar o homem a se manter por lá. Esse bônus a gente chamava de pila... E pila foi ficando, até hoje. (...)” (2006, p. 227)

Nesse contexto, devido a conflitos ideológicos entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas, o governo federal tomou medidas para estrangular a economia do Rio Grande do Sul. Raul Pilla foi exilado no Uruguai e na Argentina, e como resposta ao governo, o PL (Partido Libertador) emitiu um bônus do tesouro do Estado como apoio ao político. Nesse bônus havia a assinatura de Raul Pilla. Essa história é a que se conta quando se explica a origem deste termo, conforme pode ser observado na Figura 3.

Segundo um material vinculado à exposição "Vale um pila" no Museu Júlio de Castilhos em 2014³, a moeda circulou no Rio Grande do Sul e principalmente em Porto Alegre, ficou popularizada como 'pila'. Essa exposição também continha imagens da moeda que circulou durante a revolução de 32. A assinatura de Raul Pilla ficava no canto inferior esquerdo, como podemos ver na imagem das Figuras 2 e 3 a seguir.

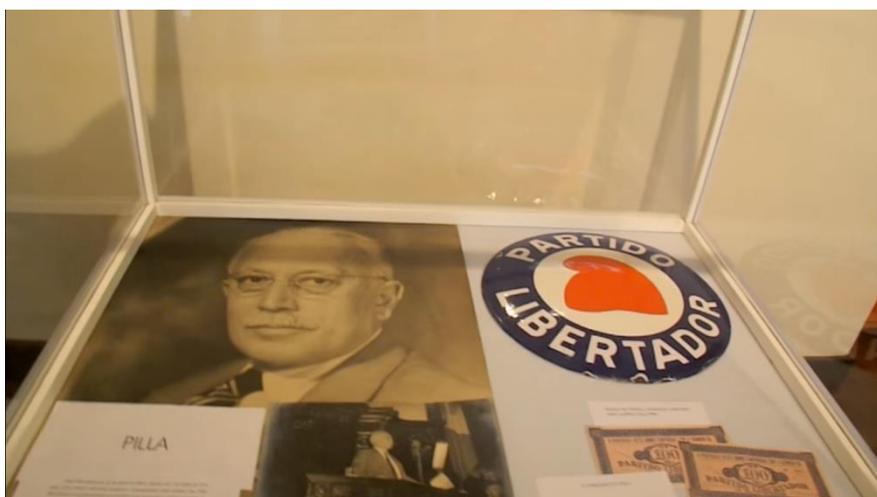


Figura 2 - Fonte: imagem tirada do vídeo "Exposição Numismática "Vale um pila" no Museu Júlio de Castilhos 2014", veiculado no YouTube.

³ Disponível em: <http://cemip.adb.inf.br/?p=8720>. Acesso em: 02 out. 2022.



Figura 3- Fonte: cédula digitalizada no blog do Centro de Memória e Informação – CEMIP, doada para a exposição no Museu Júlio de Castilhos pelo colecionador Roberto Prym, diretor do museu na época.

Uma evidência de que o termo “pila” é comum, atual e se associa à cultura gaúcha pode ser visto em um letreiro publicitário de um restaurante localizado em Porto Alegre, no Barra Shopping Sul, “Bah, restaurante gourmet”. O anúncio utiliza uma expressão típica regional e emprega o verbo no imperativo de segunda pessoa do singular (*Te aproxima e entra*). O restaurante elegante (*tem pompa*) e com certo estilo gaúcho (amorosa cozinha do RS), utiliza o termo “pila” para dizer que os seus preços são modestos, apesar da boa qualidade dos pratos oferecidos.



Figura 4- Fonte Restaurante Bah⁴

Um outro indicativo de que o termo pila caracteriza a região pode ser visto por meio de

⁴ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/8W9VFQKeEVGoryga7>. Acesso em: 17 out de 2022.

um aplicativo do governo do Rio Grande do Sul da Secretaria da Fazenda que se chama *Pilas R\$ (Plataforma de Informações de Livre Acesso à Sociedade)* que permite verificar e fiscalizar, em tempo real, as despesas e receitas do governo do Estado. Ele reproduz informações já disponíveis no Portal da Transparência RS⁵, de maneira mais simplificada e objetiva. Além do aplicativo há também um projeto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) chamado Meus Pila que surgiu como uma iniciativa dos alunos de Administração para a disciplina de Administração de Projetos, ministrado pelo professor Marcos Bosquetti. A proposta consistia que os alunos do curso pudessem desenvolver e também contribuir para a comunidade, e a forma escolhida foi através da Educação em Finanças Pessoais. Em outubro de 2019 aconteceu o circuito que incluía coaching, consultorias, workshops e palestras sobre finanças pessoais para alunos da UFSC e comunidade. Uma página na rede social Facebook⁶ com o nome do projeto tem postagens sobre como administrar o dinheiro, economizar e como gastar de forma consciente.

Em outra busca pela *internet* foi encontrada a música tradicionalista chamada “5 pila” do cantor Gaúcho da Fronteira, a música encontra-se no LP “Tão Pedindo um Vanerão” de 1994. A seguir a letra da música que pode ser encontrada no Youtube⁷.

Te procurei, não te encontrei
Pra cobrar os **cinco pila** que há muito tempo te emprestei
Fui no farrapo você não estava
No trinta e cinco não te encontravas
Na madrugada tu me fugias
Mas eu te pego na pulveria (...) ⁸

Sem dúvida a utilização desse termo pila parece configurar-se como uma expressão gaúcha existente há bastante tempo. Seguindo nossa curiosidade e investigação, fomos examinar quem foi Raul Pilla.

⁵ Disponível em: <https://www.rs.gov.br/carta-de-servicos/servicos?servico=851>. Acesso em: 02 out. 2022.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetomeuspila/>. Acesso em: 02 out. 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c0Vd4vhR100>. Acesso em: 24 set. 2022

⁸ Letra da música encontrada no site: ouvirmusica.com.br

4 CONTEXTO HISTÓRICO

Como o nome de Raul Pilla foi citado na seção anterior e em algumas fontes, como o Dicionário do Fisher (1999) e a Exposição do Museu Julio de Castilhos, nos quais afirmam que ele esteve envolvido em conflitos políticos, decidimos examinar o contexto histórico, para uma possível compreensão do surgimento da expressão “pila”. Para tanto, esboçamos alguns acontecimentos históricos e políticos do estado do Rio Grande do Sul, cujas peculiaridades locais, associadas em parte às da República brasileira, concorreram para a eclosão da Revolução Federalista de 1893-1895 e para a guerra entre Maragatos e Chimangos de 1923. Traçaremos uma breve linha do tempo desde a proclamação da República brasileira, em 15 de novembro de 1889, até o golpe do Estado Novo em 1937.

4.1 QUEM FOI RAUL PILLA?

Nascido no final do século XIX, no ano de 1892, em Porto Alegre, Raul Pilla faleceu em junho de 1973. Tendo revelado sua vocação política aos 17 anos, quando assumiu o cargo de secretário do diretório central do Partido Federalista, Pilla foi destaque no cenário político gaúcho e também no cenário nacional entre as décadas de 1920 a 1960. Tanto o Partido Federalista quanto o Partido Libertador tinham um caráter regional, pois suas origens também se restringiam ao RS.

Nesta trajetória, que desempenhou no Estado gaúcho, destacou-se, sobretudo, nos aspectos relacionados aos princípios partidários. Através do PL elegeu-se, em 1933, Deputado Estadual no Rio Grande do Sul e, a partir de 1946, foi eleito sucessivamente Deputado Federal até 1966, quando renunciou ao parlamento brasileiro.

Após concluir o curso secundário, Pilla se matriculou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e concluiu o curso em 1915. Em 1922, Raul Pilla fez sua primeira aparição política pública durante a campanha eleitoral para a presidência do Rio Grande do Sul. Em 1924, através de concurso público, Raul Pilla tornou-se livre-docente de fisiologia na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. No ano seguinte, juntamente com Leonardo Truda, fundou em Porto Alegre o Diário de Notícias. O auge de sua carreira acadêmica ocorreu em 1926, quando conquistou a cátedra titular de fisiologia. Mas data também desse ano o início de seu afastamento da vida universitária e sua maior dedicação às atividades políticas, o que o levaria a despontar em pouco tempo como o mais importante líder dos federalistas gaúchos. De toda forma, Pilla manteve ligações com a Escola de Medicina, continuando a colaborar com o laboratório de fisiologia daquele estabelecimento.

Em 1928, é um dos fundadores do Partido Libertador, juntamente com Assis Brasil, do qual seria vice-presidente. Em 1929 é um dos criadores da Frente Única Gaúcha, aliança entre os antes adversários PL e PRR, com o objetivo de garantir a eleição de um gaúcho para a presidência da República. O candidato seria Getúlio Vargas, do PRR, então presidente do Rio Grande do Sul.

Com a derrota de Vargas eclodiu a Revolução de 1930, da qual Pilla participou ativamente.

Em 1932, com o PL rompido com Vargas, Pilla participou dos levantes ocorridos no Rio Grande do Sul em apoio ao movimento constitucionalista eclodido em São Paulo. Derrotado o movimento, Raul Pilla exilou-se na Argentina e no Uruguai, entre 1933 e 1934. Por sua participação no episódio revolucionário, Pilla perdeu a cátedra na Faculdade de Medicina, vindo a recuperá-la somente após a decretação da anistia em 1934.

Também bacharel em Ciências e Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exerceu o jornalismo no Rio Grande do Sul e foi colaborador de diversos periódicos no estado. À medida que dirigia e escrevia política para jornais como O Estado do Rio Grande, órgão oficial do Partido Libertador, Correio do Povo e para o jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre (do qual foi fundador, juntamente com Leonardo Truda, em meados de 1925), ou para o jornal O Globo, do Rio de Janeiro, também fazia publicar outros trabalhos em revistas especializadas, como Panteão Médico Rio-grandense.

Durante o Estado Novo, Raul Pilla dedicou praticamente todo o seu tempo à atividade docente na Faculdade de Medicina, suspendendo até mesmo a colaboração com jornais. Em relação à vida política, apenas manteve contatos com alguns libertadores, promovendo almoços e encontros com o objetivo de preservar alguma coesão entre os antigos correligionários.

Retirando-se da vida pública, Pilla retornou ao Rio Grande do Sul. Em 1967, a promulgação de nova Constituição, que reforçava os poderes do Executivo, afastou de vez as possibilidades de adoção do sistema que por tanto tempo defendera, o que lhe valeu o apelido de “papa do parlamentarismo”. Suas obras publicadas foram: O som no tratamento da surdez, 1916; Da correlação de funções, 1925; Funções de linguagem, 1926; Concepção fisiológica da medicina, 1938; Linguagem médica, 1942; Meio interno, palavra de um professor, 1949; Catecismo parlamentarista, 1949; Presidencialismo ou parlamentarismo? (Em colaboração com Afonso Arinos), 1958; Resenha histórica da cadeira de Fisiologia na Fac. de Medicina de Porto Alegre, 1960; O professor e a medicina, 1961; A revolução julgada: a crise institucional, 1969; Discursos parlamentares, 1980. Conferências e discursos publicados em opúsculos.

4.2 CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL NA ÉPOCA DE RAUL PILLA.

A República no Brasil, apesar de ter surgido de forma pouco previsível, foi à efetivação material de um longo e intermitente processo de ideias republicanas, liberais e federalistas disseminadas no país desde o século XVIII. No período anterior à Independência estiveram presentes na Inconfidência Mineira e na Revolução Pernambucana de 1817; e no período imperial, na Constituinte de 1823, na abdicação de D. Pedro I (em 7 de abril de 1831), na República de Piratini (Revolução Farroupilha de 1835-1845), ressurgindo de forma definitiva no manifesto e fundação do Partido Republicano em 1870.

A ideia de República estava associada ou embasada nos princípios liberais que foram bases doutrinárias da Revolução Francesa e Americana do século XVIII, e do movimento de independência dos países de língua espanhola da América no século XIX. Em seguida, este republicanismo esteve associado ao liberalismo e ao federalismo americano, considerado modelo de organização política a ser seguido no Brasil. A monarquia brasileira que não foi derrubada, que não caiu, desintegrou-se. Esta era apoiada na estrutura latifundiária e escravista, em processo de decadência. De acordo com Oliveira Vianna, “em verdade, o povo não é monarquista, como também não é republicano; é inteiramente indiferente às formas de governo” (VIANNA, 1956, p. 276). Seu enfraquecimento está relacionado ao declínio dos cafeicultores do Vale do Paraíba do Sul – os “Barões do Café”, e à libertação dos escravos ocorrida em 13 de maio de 1888. Com isso, grande parte dos Barões aderiu ao movimento republicano, retirando seu apoio à monarquia. A estes, somam-se o descaso e até hostilidade às Forças Armadas (Exército), visto como instituição subalterna, cujo fortalecimento oferecia perigo à normalidade democrática e às instituições brasileiras. Portanto, a substituição da monarquia brasileira pela República em 1889, apesar de ter ocorrido de forma surpreendente, foi o ponto de inflexão de um longo processo de difusão de ideias republicanas, liberais e federalistas disseminadas no Brasil desde a segunda metade do século XVIII.

A instalação da República em 1889, apesar de mudar a forma de governo e de alterar o comando do aparelho estatal, não alterou efetivamente a máquina pública. A Constituição Federal de 1891 implantou o federalismo e remeteu aos estados as questões da organização policial, e cada um organizou o seu sistema de coerção da maneira que lhe pareceu mais adequado para suprir as suas necessidades. Cabe destacar, portanto, que não havia uma política nacional no que se refere às questões dos poderes de polícia, ou melhor, a política nacional era aquela que transferia responsabilidades para os poderes regionais.

Este processo afeta diretamente o Estado do Rio Grande do Sul, que após um conjunto

de alterações no governo estadual, conhecido como “Governicho”⁹, conduz para o acirramento dos ânimos e, como consequência, ocorre a Revolução Federalista.

Na tabela abaixo podemos ver uma síntese de alguns acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul e do país, para a compreensão do contexto da época.

Revolução Federalista 1893-1895	Guerra civil entre federalistas partidários de Gaspar Silveira Martins, os chamados “maragatos”, e republicanos partidários de Júlio de Castilhos, os “pica-paus”, que conflagraram o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná entre fevereiro de 1893 e agosto de 1895, pouco depois da Proclamação da República, em 1889.
1897- Sucessor de Júlio de Castilhos	Com o aproximar do fim de seu mandato, Júlio de Castilhos deu início às articulações no interior do PRR para definir seu sucessor. Sua escolha recaiu no nome de Antônio Augusto Borges de Medeiros, então o mais jovem entre os republicanos tradicionais. Candidato único ao pleito de 25 de novembro de 1897, Borges de Medeiros foi eleito e tomou posse em janeiro de 1898.
1907- Borges volta ao poder	Borges concorreu como candidato único, o que garantiu sua permanência no governo, praticamente incontestável, por mais dois períodos, até 1923.
Revolução de 1923	A reeleição de Borges de Medeiros foi contestada pela oposição gaúcha, que denunciou a existência de fraude, procurando assim provocar a intervenção federal no estado. A recusa do presidente da República foi definitiva, por considerar seu envolvimento incompatível com o exercício do cargo. Sua negativa foi determinante para que Assis Brasil e seus partidários optarem pela via das armas, com a intenção de provocar a intervenção federal no Rio Grande do Sul.
1928 - Processo de cisão entre os estados de Minas Gerais e de São Paulo.	Com a eleição em 1928 do republicano Getúlio Vargas para a presidência do Rio Grande do Sul, o PL deixou de fazer oposição sistemática ao PRR. No cenário político nacional, assumiu relevo o processo de cisão entre os estados de Minas Gerais e de São Paulo diante da aproximação das eleições presidenciais para o período 1930-1934.

⁹ Cf. CASTILHOS, Júlio de. AO RIO GRANDE DO SUL. In: A Federação. Porto Alegre, 13,14 e 15-11-1891. Foi Júlio de Castilhos que, pelo jornal A Federação, batizaria este curto período com um termo depreciativo: “Governicho”.

1929- Formação da Aliança Liberal.	Em junho de 1929, os deputados federais João Neves da Fontoura, do PRR, Francisco Campos e José Bonifácio de Andrada, ambos do Partido Republicano Mineiro (PRM), firmaram um pacto eleitoral, do qual resultou a formação da Aliança Liberal.
Eleições de 1930.	A derrota da Aliança Liberal nas eleições de 1º de março de 1930 provocou diferentes reações nos vários setores oposicionistas. Intermediários do PL procuraram articular com lideranças mais radicais do PRR, como Osvaldo Aranha e João Neves da Fontoura, uma ação conjunta na Câmara Federal, visando a reabilitação da FUG, bem como o apoio a uma sublevação armada. Entre abril e junho de 1930, gaúchos, mineiros e paraibanos organizaram o levante armado.
1931- Rompimento da FUG com o Governo.	Em carta assinada por Pilla e Borges de Medeiros, comunicava a Vargas que a FUG estava apreensiva diante dos acontecimentos em São Paulo, bem como de notícias acerca de pressões que representantes gaúchos estariam sofrendo na capital particularmente Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, Assis Brasil, ministro da Agricultura, e João Batista Luzardo, chefe de polícia do Distrito Federal. A saída desses gaúchos de seus postos acarretaria, segundo a carta, no rompimento da FUG com o governo e a renúncia de Flores da Cunha à Interventoria no Rio Grande do Sul.
Revolução de 1932	<p>As relações entre os partidos, gaúchos e o Governo Provisório chegaram ao máximo de tensão, girando do empastelamento do jornal Diário Carioca, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1932, por um grupo ligado aos “tenentes”.</p> <p>O movimento gaúcho foi derrotado pelas forças legalistas em Cerro Alegre no dia 20 de setembro, quando Borges de Medeiros foi preso. Assim como outros líderes, Pilla, Collor, João Neves e Luzardo divulgaram em Buenos Aires um manifesto acusando Flores da Cunha de traição e responsabilizando-o pela derrota da revolução, consumada com o armistício assinado em São Paulo no dia 2 daquele mês.</p>
1933- Processo de Reconstitucionalização.	O ano de 1933 caracterizou-se em todo o país pela efetivação do processo de reconstitucionalização.

1936- <i>Modus Vivendi</i> .	Em 17 de janeiro de 1936, Pilla, Borges de Medeiros e Flores da Cunha assinaram um acordo entre a FUG e o PRL, estabelecendo um governo misto, o chamado <i>modus vivendi</i> gaúcho.
1937- 1945 Golpe do Estado Novo	No dia 10 de novembro, Getúlio Vargas deflagrou o golpe que implantaria o Estado Novo.

Tabela 1 Fonte: CPDOC | FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
Fundação Getúlio Vargas

Após uma breve introdução ao contexto histórico do Brasil e do Rio Grande do Sul, a qual podemos observar os conflitos que ocorreram no RS e seus desdobramentos, na próxima sessão seguiremos com as investigações em fontes diretas.

5 CONTINUANDO O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO: a observação direta

A investigação proposta nesta pesquisa segue pressupostos metodológicos de investigação da Linguística Histórica, que utiliza registros escritos em estágios passados da língua para o estudo da mudança linguística e para recuperar estruturas de línguas.

Após fazer uma busca em dicionários (conforme dados na Tabela 2) e, à medida que a pesquisa progredia, emergindo cada vez mais o nome do político Raul Pilla como associação ao termo “pila”, pensamos em examinar documentos que revelassem sua participação política atrelada ao bônus com o seu nome, já que essa associação foi encontrada na Exposição Numismática, realizada no museu Júlio de Castilhos em Porto Alegre¹⁰. A principal fonte por nós utilizada, portanto, foi o jornal *Diário de Notícias*, encontrado no Museu de Comunicação Social Hypólito José da Costa, no Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho em Porto Alegre¹¹. Os exemplares desse jornal consultados foram dos anos 1920 a 1945, pois a intenção era encontrar algo relacionado ao tempo de exílio e conseqüentemente a época que o tal bônus teria circulado. Nada foi encontrado a respeito de bônus algum.

A fim de expandir as buscas, visto que o termo *pila* é usado em Santa Catarina e também no Paraná, damos início ao exame em *corpora* disponíveis *on-line* como o projeto coletivo nacional “Projeto para a história do português brasileiro” (PHPB)¹², criado em 1997 por Ataliba Teixeira de Castilho, e programas como o “Programa para a história da língua portuguesa” (Prohpor), da Universidade Federal da Bahia.

Um outro banco de dados foi examinado: o *Corpus do Português*¹³, Mark Davies, BYU. Este banco foi lançado pelos pesquisadores Mark Davies, *Professor of Corpus Linguistics, Brigham Young University* e Michael J. Ferreira, *Professor of Portuguese Philology and Linguistics Georgetown University*. É uma plataforma que permite pesquisar fácil e rapidamente mais de 45 milhões de palavras em mais de 50,000 textos em português dos séculos XII ao XX.

Este *site* permite pesquisar palavras exatas ou frases, cadeias de pesquisa, lemas, classes gramaticais, ou qualquer combinação dos referidos elementos. Proporciona também a pesquisa de palavras cognatas com um contexto de dez palavras de cada lado e realiza com facilidade consultas de índole semântica. O *corpus* permite comparar (e ver através de diagramas) a frequência e distribuição de palavras, frases e construções gramaticais em textos de pelo menos três maneiras

¹⁰ Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/sobre-o-museu>. Acesso em: 23 set. 2022.

¹¹ Disponível em: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=270. Acesso em: 23 set. 2022.

¹² O PHPB aborda três campos de atividades: estudos sobre mudança gramatical, estudos sobre história social linguística e organização de corpora. Em 2010, mantendo as três bases iniciais, adicionaram-se os seguintes grupos de trabalhos: fonologia diacrônica, lexicologia e diacronia dos gêneros textuais. O projeto já apresentou o material desenvolvido em seus seminários em oito volumes, publicados pela editora contexto. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home?authuser=0>. Acesso em: 02 out. 2022

¹³ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 22 set. 2022.

diferentes:

- Registo: comparações entre o falado, a ficção, o jornalístico, e o académico.
- Variedades do português: Portugal *versus* Brasil no século XX.
- Período histórico: comparação de séculos diferentes dos Trezentos aos Novecentos.

Este corpus foi patrocinado pela *US National Endowment for the Humanities*, e está disponível gratuitamente na *internet*. Não foram encontradas ocorrências da palavra *pila*.

Outro corpus examinado foi o do projeto PorPopular¹⁴. O objetivo do projeto é a caracterização do léxico e da feição da linguagem como um todo em um texto que é feito, em tese, de um modo mais simplificado, para ser compreendido com facilidade por pessoas de um determinado grupo social e econômico, com uma bagagem cultural mais ou menos tipificada e com um grau de escolaridade relativamente baixo. Desenvolvido por FINATTO, M. J. B. (2012) O foco do projeto é a descrição e o estudo de padrões do vocabulário exibido por textos de jornais populares voltados para públicos de menor poder aquisitivo. O material utilizado é o do jornal popular Diário Gaúcho (DG), publicado em Porto Alegre-RS, produzido pelo grupo RBS. O *Corpus* está disponível gratuitamente na *internet*. Obtivemos, nesse exame, apenas uma ocorrência da palavra *pila* “Hoje eu fiz 90 **pila** – diz o motorista. ”, indicando que, mesmo em um jornal popular, o uso desse termo se dá em contextos informais da língua falada. Em meios impressos, a expressão “pila” não se revelou frequente, uma vez que os meios de comunicação costumam privilegiar a linguagem formal.

Foi consultado o *Corpus* Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB)¹⁵ séculos XVI, XVII e XVIII desenvolvido por Maria Tereza Biderman, ressaltando que o banco I está constituído de 7.492.472 ocorrências e para se atingir tal número, foram escaneadas 23.858 páginas de textos. Completando o banco I, foi construído o banco II que reúne 2.049.249 ocorrências e 8.009 páginas escaneadas.

Os textos selecionados estão acompanhados de uma ficha catalográfica que registra todos os dados, ou seja: autor, título da obra, data em que foi escrita ou o século, partes constitutivas da obra, editora, edição, volume, data da publicação, se é em formato impresso ou digitalizado e ainda a que acervo pertence e onde foi localizado. Nesse *corpus* tivemos duas ocorrências de *pila* que não se referem a dinheiro e sim ao verbo pilar, ambas do século XVIII, são elas:

1- ao principio fõmente fe iguala com Rodo, & Piloês; & naõ fe **pila**, para q’ fe naõ quebrem as Caixas. Porém depois de botar nellas (...)

2- pezos, q’ vem a fer quatro, ou feis arrobos, entãõ fe **pila** cõ oito ou dez Piloens, quatro ou cinco de cada banda, para (...)

¹⁴ Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/>. Acesso em: 22 set. 2022.

¹⁵ Disponível em <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb/>. Acesso em: 27 set. 2022.

O Corpus Brasileiro¹⁶ que é composto por um bilhão de palavras de português brasileiro contemporâneo, de vários tipos de linguagem. O projeto Corpus Brasileiro, do grupo GELC, que está sediado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUCSP, com apoio da FAPESP. O usuário terá acesso a informações sobre frequência de ocorrência dos termos de sua busca, além de linhas de concordância onde os termos ocorrem. Foi desenvolvido por Berber Sardinha e está disponível gratuitamente. Neste *corpus* não foram encontradas ocorrências da palavra *pila* como referência a dinheiro, conforme pode ser ilustrado na Figura 5 a seguir.



Figura 5- Corpus do Português. Fonte: De autoria própria

Foi utilizado o *Linguateca*¹⁷ porque ele oferece acesso através da rede a um conjunto considerável de recursos para a engenharia da linguagem em português, assim como serviços que disponibilizam recursos.. Entre os mais conhecidos e usados encontram-se o CETEMPúblico, o COMPARA, o Corpógrafo e o AC/DC. Sua organização foi operacionalizada até 31 de dezembro de 2011 através de um projeto coordenado e executado pela Fundação para a Computação Científica Nacional (responsável máximo: Pedro Veiga), financiado pelo MCTES, pela UMIC e pela FCT.

O CETENFolha (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos NILC/Folha de S. Paulo) é um corpus de cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro, criado pelo projecto Processamento Computacional do português (projeto que deu origem à Linguateca) com base nos textos do jornal Folha de S. Paulo que fazem parte do corpus NILC/São Carlos, compilado pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC). O corpus inclui o texto da Folha de S. Paulo do ano de 1994 (as 365 edições), incluindo cadernos não-diários, num total ligeiramente inferior a 24 milhões de palavras (versão 1.0). O CETENFolha está dividido em 340.947 extractos, classificados por semestre e caderno do jornal do qual provêm. Foi acessado através do Linguateca.

¹⁶ Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.linguateca.pt/>. Acesso em: 22 set. 2022.

Linguateca

Projeto AC/DC: corpo CETEMPúblico

AC/DC : Linguateca

O CETEMPúblico contém cerca de 190 milhões de palavras extraídas do diário PÚBLICO. Vêja-se a página oficial do CETEMPúblico para mais informação.

Procurar: Pila

Resultado:

- Concordância
- Distribuição das formas (*morf*)
- Distribuição dos lemas (*lema*)
- Distribuição da categoria gramatical (PoS) (*pos*)
- Distribuição do tempo verbal e/ou do caso preposicional (*tempo*)
- Distribuição de pronomes e/ou sílabas (*pronom*)
- Distribuição do género morfológico (*gen*)
- Distribuição da função sintáctica (*fun*)
- Distribuição por secção (*sec*)
- Distribuição por semestre (*sem*)
- Distribuição por campo semântico (*sema*)
- Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) (*grupo*)

Opções

- Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- ignore maiúsculas/miúsculas (não adote parâmetros)

Fazer navegação com limite de páginas.

Amostra aleatória de linhas.

Estrutura do corpo

Marcações estruturais: ext [identificador do extracto, com informação sobre secção e semestre], s [frase], t [título ou subtítulo], a [identificação do autor], n [elemento

Tipo	Jornalismo
Varante(s)	PT
Tamanho (sentenças)	>56.4 milhões
Tamanho (palavras)	>108.4 milhões

Caracteres úteis: | [] { } [] [] []

Página principal

Procurar outros corpos:

[Acesso:RA-NL/C ANCH/Avante! Corpus Brasileiro CD.HARLEM CETEMPúblico CHAVE Ciência Viva Colónias CONDIVoort CONDIVoort/ CoNE C-Oral-Brazil DHBH DuGLAV Diáspora TL-PT ECLERB ECLERB ENCPUB \(parte em português\) Floresta FrasesPB FrasesPP Marinho Grupo Linguística Manelito presente! Mocimboa Museu da Pessoa Navega-Mundo NOBRE OBRAS PLa Norte Português Falado - Documentos Antigos RefL NLG São Carlos textos Justos Tróico Reiter Yercal](#)

Figura 6- Corpora Linguateca. Fonte: De autoria própria.

Nos *corpora* acessados através do Linguateca não tivemos ocorrências da palavra *pila* referente a dinheiro, conforme pode ser visualizado na Figura 6.

Por fim, o CINTIL-Corpus Internacional do Português¹⁸ que contém atualmente 1 milhão de palavras anotadas, tendo a anotação sido manualmente verificada por especialistas. A anotação inclui informação sobre a classe morfossintática, sobre o lema e a flexão das classes abertas, sobre locuções pertencentes à classe dos advérbios e às classes fechadas, e sobre nomes próprios multi-palavra (para o reconhecimento de entidades nomeadas).

Este corpus foi desenvolvido e mantido na Universidade de Lisboa pelo Grupo REPORT do CLUL-Centro de Linguística da Universidade de Lisboa em cooperação com o Grupo NLX-Natural Language and Speech do Departamento de Informática. Como em algumas pesquisas foram encontradas definições no Português de Portugal, decidimos procurar em Corpus que tivessem outros contextos para ver se tinha a ocorrência do termo *pila*, mas não encontramos ocorrências. A Figura 7 ilustra um “print” da tela dessa consulta.

¹⁸ Disponível em: <http://cintil.ul.pt/pt/cintilfeatures.html>. Acesso em 02 out de 2022.



Figura 7- Corpus CINTIL Fonte: De autoria própria.

Na tabela 2 podemos observar quais dicionários foram consultados, analisar as diferentes definições encontradas e quais os anos de ocorrência da palavra.

Dicionário	Definições encontradas
Dicionário Gaúcho Brasileiro (1947)	PILA, s.f. em. 1. Pop. Dinheiro, grana: custou vinte pilas, isto é, custou vinte reais. 2. Denominação que se dava à antiga moeda de um mil réis. "Tô com uns pilas na guaiaca E o gogó que é uma matraca Hoje ninguém me afronta Quando eu boto a mão nuns cobre Não existe china pobre É tudo por minha conta" (João Guerreiro É Tudo Por Minha Conta - Rasguido Doble - Os Monarcas / Locomotiva Campeira - ACIT)
Grande dicionário da língua portuguesa (1949, p.269)	Pila, s. m. Gír. bras. Vagabundo. A quantia de mil réis, hoje um cruzeiro. A nota equivalente a essa quantia. Pila 2, s. f. Provinc. Pênis de criança. Pop. Galinha. Pila! Pila!, voz para chamar as galinhas.
A gíria brasileira (1953, p.139)	PILA, s. m. Indivíduo que não tem meio de vida conhecido nem decente, ocioso, vadio, vagabundo. Sujeito sem préstimo, inteiramente inútil. (ladr.). Papel-moeda. Na gíria dos gatunos italianos significa "dinheiro".
Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa (1954, p.4207) e (1957, p.3954)	PILA, s. m. Gír. 1. Vagabundo. I 2. Um mil réis. PILA, s. f. Lus. Pênis de criança. I 2. Pop. Galinha.

Dicionário Vocábulos Brasileiros (1956)	Não consta a palavra.
Enriqueça seu vocabulário (1958 e 1965)	Não consta a palavra.
Novo dicionário compacto da língua portuguesa (p.275, 1961 e 1980)	Pila, s. m. Gír. Bras. Vagabundo. A quantia de mil réis. A nota equivalente a essa quantia. S. f. Provinc. Pénis de criança. Pop. Galinha. Pila! Pila!, Voz para chamar as galinhas.
Nôvo Dicionário Brasileiro Melhoramentos (1964 e 1969)	Pila, s. m. Gír. 1. Indivíduo que não tem meio de vida conhecido ou decente; ocioso, vadio, vagabundo. 2. Papel-moeda.
Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (1984, p. 373)	Pila , S. Denominação que se dava a antiga moeda de um mil réis.
Il gergo della malavita in Calabria (p.77, 1996)	Pila = Denaro ¹⁹ . Appartiene ai gerghi di tutto il Mezzogiorno e, per lo meno in Calabria, comincia ad essere di uso comune. Il Rholfis lo riporta come appartenente al gergo di Reggio Calabria e di Cosenza. Non se ne conosce l'origine, né pare accettabile quella che ne dà la Pubblica Sicurezza (vol. cit.) “contenente per il contenuto. Il denaro veniva conservato nella
Dicionário de Gíria modismo linguístico o equipamento falado do brasileiro (p. 374, 1998)	Pila 1 dinheiro. "O Dicionário custa 500 pilas". Pila 2 sujeira do nariz. "O cara tem muita pila no salão".
Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa Século XXI (p. 1565, 1999)	¹ Pila [F.red. de pilantra (4), poss.] S.m Indivíduo desocupado ou inútil. ² Pila S.f em. pop. 1 V. dinheiro (5) “ Nunca lambi espora pra ter os meus dez pilas na guaiaca. ” (Tito Carvalho, Bulha de Arroio, p.100)
Dicionário de Porto-Alegre de Luís Augusto Fischer (p. 211, 1999)	PILA Unidade de moeda em Porto sentido Alegre; quando a inflação tornava o milhar algo banal, este passa a ser um pila. A origem ou a fixação do uso do termo neste sentido teria algo a ver com Raul Pilla, emérito político rio-grandense, ardoroso defensor do parlamentarismo, mas não por isso, é claro. Invariável: é um pila, dois pila ou mil pila. O pesquisador e historiador

¹⁹ Em tradução literal (nossa) Pila = Dinheiro. Pertence aos jargões de todo o Sul e, pelo menos na Calábria, começa a ser de uso comum. Os Rholfis o relatam como pertencentes ao jargão de Reggio Calabria e Cosenza. A origem não é conhecida, nem a dada pela Segurança Pública (cit. Vol.) “Contendo pelo conteúdo parece aceitável. O dinheiro era guardado na pila, pote de barro”.

	<p>Sérgio da Costa Franco, perguntado por mim, disse ter a impressão de que a expressão já se usava em sua infância, antes da Revolução de 1930 ou logo depois dela, o que faz sentido porque há de fato o uso de pila como dinheiro em Portugal - talvez tenha alguma associação com, pode crer, o membro viril, que se chama de pila em gíria portuguesa, por relação com o ato de pilar, de bater o pilão. Há porém algumas informações (quem me relatou essa foi o Décio Freitas) de que a origem local do termo teria a ver com a altura do governo de Flores da Cunha, durante o Estado Novo: parece que, pelo fato de Getúlio não ir muito com a cara do Flores, o governo federal teria estrangulado financeiramente o Rio Grande do Sul; vai daí, o Raul Pilla, secretário da Fazenda ou algo assim, teria emitido bônus do tesouro do estado para afinal fazer circular a economia local, ainda que com moeda artificiosa. Daí que o tal bônus teria ficado conhecido como "pila". Se não é a origem, pode bem ter sido esse um grande reforço do uso entre nós. Tem outro uso, numa expressão frequente: de alguém que não vale nada se diz que "não vale um pila", às vezes "não vale um peido", no mesmo sentido que "não vale o feijão que come" e que antigamente se dizia "não vale um sabugo".</p>
<p>Silveira Bueno minidicionário da língua portuguesa 2000</p>	<p>Não consta a palavra</p>
<p>Dicionário UNESP do Português contemporâneo (p. 1072, 2004)</p>	<p>Pila pi-la Sfl (pop) unidade monetária vigente no momento: vinte pilas (Lus.) colq 2 pênis (esp. infantil)</p>
<p>Dicionário HOUAISS (p.1490, 2009)</p>	<p>¹pila s.f. P tab. ou infrm. 1 pênis 1.1 freq. pênis infantil ETIM orig.obsc. HOM pila(fl.pilar) ²pila s.2g.pej. indivíduo ocioso ou inútil O ETIM talvez alt. de pilantra O HOM ver ¹pila ³pila s.2g. infrm. m.q. DINHEIRO (paguei 20 pilas pelo vinho) O ETIM orig.obsc. SIN/VAR Ver sinonímia de dinheiro O HOM ver ¹pila</p>

Tabela 2 Lista completa dos dicionários e definições encontradas.

As pesquisas realizadas nos *Corpus* online como o “Projeto para a história do português brasileiro” (PHPB), o Corpus do Português, Corpus Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB), O Corpus Brasileiro, o Linguateca e o CINTIL-Corpus Internacional do Português não

apontaram nenhum resultado de *pila* referente a dinheiro. Somente no PorPopular obtivemos apenas uma ocorrência da palavra *pila* “Hoje eu fiz 90 pila – diz o motorista.” Indicando que o uso desse termo se dá em contextos informais da língua falada. Nos dicionários, podemos observar ocorrências diversas, mas a predominante é *pila* como unidade monetária.

6 SÍNTESE DE RESULTADOS DE “BUSCAS” EM FONTES DIVERSAS

Durante as pesquisas realizadas em dicionários e livros relacionados à história política do Rio Grande do Sul, diversas vezes nos deparamos com o termo *pila* referindo-se à **quantia de um mil réis**. Dentre as fontes em que o termo era mencionado como equivalente a essa quantia, podemos citar o Dicionário contemporâneo da língua portuguesa, de 1964; o Grande Dicionário da língua portuguesa segundo o acordo ortográfico Luso-Brasileiro, de 1945; e o Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul, de 1997.

Em outras fontes de pesquisa, “pila” consta simplesmente referindo-se à **dinheiro/moeda**, como no Novo dicionário Brasileiro melhoramentos, de 1969; no Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa, de 1957; no Grande Dicionário Houaiss de língua portuguesa, de 2009; no Dicionário dos marginais, de 1984; no Dicionário de gíria modismo linguístico o equipamento falado do brasileiro, de 1998; e no Dicionário Aurélio da língua portuguesa publicado, de 2010.

Para confirmar a suposição de que o *pila* poderia ser usado também em Santa Catarina foram consultados dados do “Projeto para a história do português brasileiro” (PHPB). O material desse projeto é composto por “Corpora Impressos” e “Corpora Manuscritos”, dentre outros. Há cartas de leitores, cartas de redatores/editoriais, anúncios de jornal, cartas particulares e cartas oficiais, distribuídas entre remetentes ilustres ou não, de variadas épocas – cartas desde o século XVIII até a segunda metade do século XX. Entretanto, não tivemos ocorrências do uso da palavra *pila*.

Resultados obtidos no *corpus* do projeto popular “*Hoje eu fiz 90 pila – diz o motorista.*”, aplicativo do governo do Rio Grande do Sul, em parceria com a Secretaria da Fazenda, que se chama *Pilas R\$*, o projeto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) chamado *Meus Pila*, comprovam a ideia de que o termo *pila* faz referência a dinheiro em diferentes épocas. Por se tratar de um termo cujo uso se dá em contextos informais, e, na maioria dos casos, orais, os registros de uso em meios impressos não são muito frequentes, uma vez que os meios de comunicação costumam privilegiar uma linguagem formal.

O termo *pila* geralmente faz referência a pouco dinheiro, como podemos ver, por exemplo, na propaganda do restaurante BAH e na música tradicionalista *5 pila*, do músico Gaúcho da Fronteira. Tem ocorrências no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, conforme indicam os registros escritos consultados. O sentido moeda/dinheiro parece ter sido criado pela comunidade linguística como um neologismo semântico depreciativo (não vale um pila) e por meio da língua falada, no âmbito informal.

Quanto à origem ser vinculada a Raul Pilla, podemos observar as ocorrências do dicionário *O Dicionário de Porto-Alegres* (1999), do livro *História do Rio Grande do Sul para Jovens* de Roberto Fonseca (2006) e do material vinculado à exposição “Vale um pila”, no Museu Júlio de

Castilhos. Para que se confirmasse a hipótese de que houve a existência de um bônus emitido pelo partido de Raul Pilla, a principal fonte por nós utilizada foi o jornal *Diário de Notícias*, encontrado no Museu de Comunicação Social Hypólito José da Costa, no Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho. Os exemplares consultados deste jornal foram dos anos 1920 a 1945, pois a intenção era encontrar algo relacionado ao tempo de exílio e conseqüentemente a época que o tal bônus teria circulado. Nada foi encontrado a respeito de bônus algum.

Entretanto, em pesquisas em fontes primárias, até o momento, não foram encontradas referências claras e precisas de que este termo foi criado na época da década de 30 e que tenha sido criado pela associação com o político Raul Pilla, pois não temos ocorrências da palavra como sinônimo de dinheiro antes da Revolução de 32.

Saindo do contexto do Rio Grande do Sul, dicionários de épocas distintas apontam que a palavra *pila* poderia ser usada na Itália. Na gíria dos gatunos italianos significa "dinheiro" (A gíria brasileira, 1953, p.139), e, de acordo com o *Il gergo della malavita in Calabria* (1996, p.77), o termo *pila* pertence aos jargões de todo o Sul e, pelo menos, na Calábria, começa a ser de uso comum.

Coincidência ou não, BUENO (2006) afirma que Raul Pilla era filho de imigrantes italianos que não foram morar nas colônias do Estado do Rio Grande do Sul, pois exerciam a função de comerciantes, desde a localidade de onde eram originários. Por esta razão, ficaram em Porto Alegre, vivendo com trabalho de subsistência, através de um pequeno armazém, localizado na esquina da atual Rua Santo Antônio com a Av. Independência. É possível, pois, que esse termo tenha origem do italiano.

7 CONCLUSÃO

Essa pesquisa buscou traçar uma linha histórica que indicasse o momento em que o termo *pila* passou a ser incorporado ao vocabulário brasileiro, especialmente na região dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, onde até os dias atuais é comumente usada em contextos informais. Também buscamos analisar a hipótese de que o termo tenha surgido em referência ao político gaúcho *Raul Pilla*.

Com o intuito de resgatar as origens da palavra *pila*, usada em contextos cujo significado seja “quantia de dinheiro em moeda corrente”, foram analisados alguns documentos e fontes como base de pesquisa deste trabalho, tendo como pressupostos os conceitos apresentados por Alves (1994) e por Basilio (2007), sobre a formação de palavras, como a criação de neologismos e a função desses. Para isso, dividimos a pesquisa em quatro partes, sendo que a primeira apresenta fontes que descrevem a origem do termo: registros em dicionários, depoimentos e registros em vídeo. Porém os resultados da pesquisa nos mostram que não foram encontradas referências claras e precisas, até o momento, sobre a origem do termo.

A hipótese de que o termo tenha surgido a partir de situações envolvendo o político Raul Pilla, não se apresentou consistente, ainda que várias fontes na *internet* façam esta associação. Dado o uso regional do termo e a falta de comprovação da veracidade do bônus em prol de Raul Pilla, mais nos parece que essa procedência do termo “pila” associado ao nome do político seja um mito para potencializar um uso regional. Dessa forma, uma hipótese que surgiu no decorrer da pesquisa foi a de um possível empréstimo linguístico da expressão *pila* que possa ter vindo do sul da Itália. Contudo, dúvidas permanecem em relação a essa ideia, pois os imigrantes italianos vieram do extremo norte da Itália.

Conforme vimos anteriormente, o empréstimo linguístico é o uso de uma palavra de uma língua em outra, recebendo o nome de estrangeirismo ou peregrinismo (CARVALHO, 1984, p. 56). A língua receptora tende a acolher ou adaptar a palavra para um melhor entendimento dos seus usuários. As ocorrências nos dicionários apontam que, na gíria dos gatunos italianos, *pila* significa “dinheiro” (A gíria brasileira, 1953, p.139), e, de acordo com o *II gergo della malavita in Calabria* (1996, p.77), o termo *pila* pertence aos jargões de todo o Sul e, pelo menos, na Calábria, começa a ser de uso comum atualmente.

Dessa forma, podemos presumir que, de acordo com Basílio (2010), a palavra já existia com o sentido de unidade monetária, mas foi atribuído a ela um novo significado: o de referência a pouco dinheiro. Portanto, se a palavra já existia, ela pode ter se inserido no vocabulário gaúcho por empréstimo linguístico vindo do sul da Itália.

Para VIARO (2011), nem sempre o sentido básico, presente como primeira acepção de uma palavra em dicionários, é o mais usual, pois o mais corriqueiro é o que sobreviverá e, como apontaram os resultados da pesquisa, o uso do termo *pila* faz referência a uma quantia pequena

de dinheiro. A associação do termo ao significado de moeda/dinheiro pode ter sido criado pela comunidade linguística como um neologismo semântico depreciativo (ainda que não tenha sido possível confirmar nem refutar esta hipótese e por meio da língua falada.

A segunda e a terceira parte deste trabalho trouxeram dados históricos sobre Raul Pilla e o contexto político do Brasil e Rio Grande do Sul; a quarta parte descreveu os *corpora* que foram analisados e confirmou a teoria de que o termo *pila* é tipicamente gaúcho, pois não foram encontrados outros registros em *corpora* de português brasileiro.

Dada a informalidade de uso da palavra *pila*, o acesso a dados e registros de uso representou uma grande dificuldade no processo de pesquisa. Uma vez que, na época em que o termo foi incorporado ao vocabulário regional, a tecnologia não favorecia o registro de áudios e vídeos de maneira corriqueira como ocorre atualmente. Além disso, os meios impressos, como jornais e revistas, privilegiam até hoje a linguagem formal, em que o termo não é utilizado

Uma outra investigação em registros escritos de língua italiana e pode elucidar a questão da origem do termo *pila*, e novas pesquisas em outras fontes e arquivos talvez possam nos indicar as origens do termo e o contexto de sua incorporação ao vocabulário sul brasileiro. Fica, pois, uma investida mais específica, com base em outras fontes, sobre a explicação da origem desse termo, mal contada na história ainda.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. B. (2003) O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. *TradTerm*. São Paulo: Humanitas, n. 9, pp. 211-222.

Academia Sul – Rio Grandense de Medicina. Disponível em : <<http://academiademedicinars.com.br/cadeiras/raul-pilla/>>. Acesso em: 03 out. 2022

Alves, I. M. *Neologismos. Criação Lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARRETO, Florbela, António Branco, Eduardo Ferreira, Amália Mendes, Maria Fernanda Nascimento, Filipe Nunes and João Silva, *Corpus CINTIL* 2006. Disponível em: <http://cintil.ul.pt/pt/cintilfeatures.html>. Acesso em 02 out de 2022.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*, 8 ed. São Paulo, Ativa, 2007.

BASILIO, Margarida *Formação e classes de palavras no português do Brasil / Margarida Basilio*. – 3. ed. – São Paulo : Contexto, 2011.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique Pedro Carlos de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2. ed. Salvador, Livraria Progresso, 1956.

BORBA, Francisco S. *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

BOSSLE, João Batista Alves, *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre, Ed. Artes e ofícios, 1947.

BUENO, Antonio Avelange Padilha. *Raul Pilla : aspectos de uma biografia política*. 2006. 270 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CARDOSO, W. & CUNHA, C. *Português através de textos: estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CARVALHO, N. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

Centro de Memória e Informação Pessoal Yuri Victorino – CEMIP – Disponível em: <<http://cemip.adb.inf.br/?p=8720>>. Acesso em: 03 out. 2022

Centro Socioeconômico UFSC. Disponível em: <<https://cse.ufsc.br/2018/10/29/circuito-de-financas-pessoais-meus-pila/>>. Acesso em: 03 out. 2022

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/ FGV Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pilla-raul>>. Acesso em 20 jun. 2018.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/ FGV

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo?busca=Raul+pilla&TipoUD=0&MacroTipoUD=0&Itens=30>>. Acesso em 21 jun. 2018.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/ FGV

Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20FEDERALISTA.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/ FGV

Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20GA%C3%9ACHA%20DE%201923.pdf>>

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/ FGV

Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pilla-raul>> Acesso em: 22 set. 2022.

CORPUS Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB). Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 27 set. 2022.

In: *Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa*. Milestones. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pila>> Acesso em: 02 out. 2022.

DAVIES, Mark. Funded by the US [National Endowment for the Humanities](#) (2004-2005, 2015-2017). Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 22 set. 2022.

In: Dicionário Online Caldas Aulete.Lexicon. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pila>> Acesso em: 19 jun 2018.

In: Dicionário Informal online. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pila/> | Acesso em: 19 jun 2018

In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. UOL. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pila>>. Acesso em: 19 jun.2018

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Enriqueça seu vocabulário*. 2 ed. São Paulo, Ed. EDITORA CULTRIX, 1958.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Enriqueça seu vocabulário*. 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa Século XXI*.3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Editora Positivo, 5 edição, Curitiba, 2010.

FINATTO, Maria José Bocorny; KRIEGER, Maria da Graça. *Introdução à Terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

FINATTO, M. J. B. (2012) Projeto PorPopular, frequência de verbos em português e no jornal popular brasileiro. In: Aparecida Negri Isquierdo; Maria Cândida Trindade da Costa de Seabra. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume VI. 1ed.Campo Grande, MS: Editora da UFMS/Laboratório de Edição da FALE-UFMG, 2012, v. VI, p. 227-244. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/>. Acesso

em: 22 set. 2022.

FISCHER, Luís Augusto, Dicionário de Porto-Alegre. Porto Alegre, 14 ed. Artes & Ofícios, 1999

FONTES: CARONE, E. República Velha; FAUSTO, B. Brasil; FLORES, E. Consolidação; PEREIRA, L. Positivismo; PESAVENTO, S. Revolução; SILVA, M. Notas; TRINDADE, H. Aspectos.

FLORES, Ericson “UM POSTO DE COMBATE E UMA TRIBUNA DE DOCTRINA”: O PARTIDO LIBERTADOR E O JORNAL “ESTADO DO RIO GRANDE” (1929-1932). Dissertação de Mestrado, Passo Fundo, 2009.

FONSECA, Roberto, História do Rio Grande do Sul Para Jovens, 2006. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=3Z4W9HvjvrcC&pg=PA227&lpg=PA227&dq=raul+pilla+e+o+pilla+quando+uruguay&source=bl&ots=kjTDB0DNuG&sig=TupNqDG8swQ6oBjw8vxCPezhbhU&hl=pt-PT&sa=X&ei=Ir52Ut94g7-RB7nGgIAN#v=onepage&q=raul%20pilla%20e%20o%20pilla%20quando%20uruguay&f=false>> Acesso em: 19 jun. 2018.

FREIRE, Laudelino *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* · Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 2 ed, 1954.

FREIRE, Laudelino, *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1 ed, 1957.

GURGEL, João Bosco Serra e. Dicionário de gíria: modismo linguístico: o equipamento falado do brasileiro. 4.ed. Brasília: J.B. Serra & Gurgel, 1998.

HOUAISS, Antônio. O grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1 ed. Ed. Objetiva, 2009.

LABOV, William. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication. New York, Hold, Rineheart and Winstion, 1972.

LASS. Roger. Historical Linguistics and Language Change. Cambridge, 2000.

LINGUATECA, Processamento computacional do português" (1998-2000). Disponível em: <https://www.linguateca.pt/>. Acesso em: 22 set. 2022.

Linha Campeira, Porque chamamos dinheiro de pila?, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZXzbNIKFosc>>. Acesso em: 03 out. 2022.

LOBATO, M. Emília no país da gramática. 5. ed. v. 15. São Paulo: Brasiliense, 1998.

NASCENTES, Antenor. A Gíria Brasileira. 1ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Academica, 1953.

NASI, Roberto Francisco. Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística. Variáveis Fonológicas em Jornais Gaúchos do Século XIX. Porto Alegre, 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível. Parábola., São Paulo, 2010.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

PEREIRA, Ledit de Paula, O POSITIVISMO E O LIBERALISMO COMO BASE DOCTRINÁRIA DAS FACÇÕES POLÍTICAS GAÚCHAS NA REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893-1895 E ENTRE MARAGATOS E CHIMANGOS DE 1923 Dissertação de Mestrado Porto Alegre, 2006 .

PESSOA, F. A língua portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PILLA, Raul. O som no tratamento da surdez, 1916.

PILLA, Raul. Da correlação de funções, 1925.

PILLA, Raul. Funções de linguagem, 1926.

PILLA, Raul. Concepção fisiológica da medicina, 1938.

PILLA, Raul. Linguagem médica, 1942.

PILLA, Raul. Meio interno, palavra de um professor, 1949.

PILLA, Raul. Catecismo parlamentarista, 1949.

PILLA, Raul. Presidencialismo ou parlamentarismo?(Em colaboração com Afonso Arinos), 1958.

PILLA, Raul. Resenha histórica da cadeira de Fisiologia na Fac. de Medicina de Porto Alegre, 1960.

PILLA, Raul. O professor e a medicina, 1961.

PILLA, Raul. A revolução julgada: a crise institucional, 1969.

PILLA, Raul. Discursos parlamentares, 1980. Conferências e discursos publicados em opúsculos.

Projeto PHPB, Notícias em jornais, Cartas de mercadores, Teatro, Textos em jornais Portugueses, Textos em circulação em Instituições Privadas, Testamentos, etc. Um *corpus* linguístico-histórico em aberto. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home?authuser=0>. Acesso em: 02 out. 2022

SARDINHA, Berber O Corpus Brasileiro grupo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUCSP, com apoio da FAPESP. Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

SAUSSURE, F. de (1994) Cours de linguistique générale. (Édition criti-que préparée par Tullio Mauro). Paris: Payot.

SILVA, Adalberto Prado, Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos 2ª ed. Melhoramentos de São Paulo, Indústria de papel 1964

SILVA, Adalberto Prado, Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos 5ª ed. Melhoramentos de São Paulo, Indústria de papel 1969

SILVA, Antônio de Moraes, Grande Dicionário da Língua Portuguesa. VOL. VIII. editora confluência, 1955.

SILVA, Antônio de Moraes, Novo Dicionário compacto da Língua Portuguesa, Vol IV, ED. CONFLUÊNCIA 1961

SILVEIRA, Bueno: *Mini Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo, Editora: ftd, 2000.

In: SPEZZANO, Francesco II Gergo dela malavita in Calabria Pellegrini Editore, 1996. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=h_N3MtQiLWUC&printsec=copyright&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 03 out. 2022.

In: Stack Schenge. Portuguese Language. Origem histórica de “conto” e “pila” para se referir a dinheiro Disponível em: <<https://portuguese.stackexchange.com/questions/4818/origem-hist%C3%B3rica-de-conto-e-pila-para-se-referir-ao-dinheiro>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

VIANNA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1956.

VIARO, Mário Eduardo HISTÓRIA DAS PALAVRAS: ETIMOLOGIA (USP). 2011

VICTORINO, Yuri. CEMIP Exposição Numismática “ Vale um pila” no museu Julio de Castilhos. 2014. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=xNHyutaIQTA&feature=youtu.be>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SCHNEIDER, Edgar W. 2002. "Investigating variation and change in written documents." In J.K. Chambers, Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes, eds. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford, Malden, MA: Blackwell 2002, 67-96.

WEINREICH, U; LABOV, W, HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma mudança linguística*. São Paulo, Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin; BAGNO, Marcos. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, in Lehmann & Malkiel. 1968. _____ . HERZOG, Marvin; BAGNO, Marcos. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006. 151 p.

Zero Hora edição digital GZH. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2020/07/do-reis-a-nota-de-r-200-conheca-um-resumo-da-historia-do-dinheiro-no-brasil-e-suas-curiosidades-ckdaf0kqx0022013glrlqfary.html>>. Acesso em: 03 out. 2022.